**ARTES DE FAZER COM CIBERGAMBIARRAS**

Leonardo Conceição Gonçalves – ProPEd UERJ

Rosemary dos Santos – ProPEd UERJ

Resumo

O estudo tem como objetivo investigar a reconfiguração dos processos educativos forjados a partir dos usos desviantes de artefatos inventados por nós, praticantes dos cotidianos, emergentes da crise de Covid-19. Fundamenta-se nos Estudos com os Cotidianos (Andrade; Caldas; Alves, 2019; Certeau, 2012), sendo dispositivos acionados: redes sociais e uma oficina realizada no Seminário Temático envolvendo dois grupos de pesquisa de instituições inter-regionais brasileiras. Em decorrência, analisamos como as Cibergambiarras – invenções nascidas durante a pandemia – começaram a se integrar de modo persistente a cultura contemporânea. Ao concluirmos, consideramos que essas práticas, caracterizadas por provisoriedades e imperfeições, revelam-se como potenciais emancipatórios que permitem reinventar a comunicação e a aprendizagem, além de fomentar estéticas outras e processos de resistência entre coletivos desviantes.

Palavras Chaves: Cotidianos. Cibergambiarras. Invenções.

INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 deixou marcas indeléveis em todos os aspectos da vida no planeta, trazendo uma série de desafios para a sobrevivência humana, desde perdas significativas de vidas até consequências negativas nas diversas esferas sociais. A crise de saúde global destacou as fragilidades contemporâneas e testou a humanidade de maneira sem precedentes (Franco, 2020).

Com o esvaziamento das cidades e a suspensão de atividades cotidianas, previsões catastróficas surgiram, especulando sobre o futuro do mundo. No Brasil, a crise afetou profundamente setores como Saúde, Direito, Cultura e Educação, revelando várias controvérsias. Ademais, a falta de encontros físico-presenciais privou a maioria da população de experiências enriquecedoras, mas, ao mesmo tempo, os usos do digital em rede ofereceram meios para resistir e se manifestar.

A rotina profissional mudou drasticamente, com muitos adotando o trabalho remoto para reduzir o risco de contágio. Contudo, o distanciamento físico-social impôs limitações severas às práticas da vida cotidiana. Segundo Santos (2020), a área da educação foi um dos setores mais afetados, com escolas fechando repentinamente e aulas migrando emergencialmente para o ambiente digital, o que representou um desafio particular para alunos de comunidades desfavorecidas que já sofriam com a falta de acesso a recursos tecnológicos.

Esse contexto de incertezas e adaptações rápidas inspirou a pesquisa, cujo objetivo foi investigar a reconfiguração dos processos educativos forjados a partir dos usos desviantes de artefatos inventados por nós, praticantes dos cotidianos, emergentes da crise de Covid-19.

Dessa forma, organizamos a apresentação do fenômeno pesquisado, buscando primeiramente refletir acerca dos aspectos metodológicos da pesquisa na Cibercultura com os Cotidianos; depois, identificar a produção e os usos das práticas ciberculturais que emergiram da relação entre seres humanos e dispositivos digitais em conexão na internet, a partir da pandemia da Covid-19; em seguida, evidenciamos artes de fazer (Certeau, 2012) com as cibergambiarras, relacionando-as com o exercício da docência nas Redes Educativas. Por fim, discutimos a imprescindibilidade das invenções dos praticantes dos cotidianos a partir do fluxo imprevisível dos movimentos ciberculturais, que agrupam públicos distintos e que encontram nas redes modos utópicos de manifestarem-se.

ASPECTOS METODOLÓGICOS DE UMA PESQUISA IMPERMANENTE

Nos últimos três anos, o exercício político da cidadania foi profundamente estressado e as instituições acadêmicas enfrentaram crises significativas, com cortes impactando desde a produção científica até a manutenção de serviços essenciais (Gallo; Carvalho, 2023).

Com isso, os pesquisadores foram forçados a explorarem novas maneiras de conduzir suas investigações, utilizando a internet para acessar bancos de dados e colaborar remotamente, o que promoveu a fusão de artefatos digitais e diversidade de linguagens, reconfigurando a maneira como as pesquisas são realizadas.

Neste contexto, realizamos uma oficina no âmbito do Seminário Temático sobre a formação de professores na cibercultura, uma parceria entre o Grupo de Pesquisa Educação e Cibercultura e o Grupo de Pesquisa LêTECE. A oficina não só abordou os usos de artefatos curriculares que emergiram das práticas cotidianas durante a pandemia, mas também incorporou uma investigação colaborativa nas redes sociais como parte integrante das atividades.

Durante a oficina, realizamos conversas em torno de buscas que empreendemos nas redes sociais, explorando como as práticas provisórias e múltiplas intensificadas pela pandemia, poderiam forçar uma reconfiguração dos currículos convencionais. Essa abordagem permitiu a produção de dados que, posteriormente, foram usados para uma análise mais profunda das instabilidades dos novos espaçostempos – o novo normal – e facilitou a exploração mais detalhada das invenções utilizadas para responder às incertezas do mundo contemporâneo.

Sobretudo, baseado nos movimentos necessários as pesquisas com os Cotidianos, como descritos por Andrade, Caldas e Alves (2019), a investigação ressaltou a importância de compreendermos os usos das práticas como artes de fazer em seu contexto original, ou seja, na vida cotidiana, onde os conhecimentos são forjados com as cibergambiarras.

A CONTINUIDADE DO PRESENTE NO FUTURO PÓS-PANDEMIA

Embora a declaração da OMS em 5 de maio de 2023, feita por seu diretor-geral Tedros Adhanom em Genebra, não tenha eliminado a ameaça da Covid-19, sinalizou o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional. A pandemia, uma odisseia de eventos turbulentos, reconfigurou profundamente nossos cotidianos e nossa maneira de lidar com a vida e a ciência.

A nova doença destacou a necessidade de conexão humana, mesmo no caos, permitindo momentos fugazes de alegria que revelam a imprecisão daquilo que é natural do ser humano: nossa capacidade de inventar. Nesse contexto, o Seminário Temático sobre a formação de professores na cibercultura, uma colaboração entre os grupos de pesquisa EduCiber e LêTECE da Universidade Federal de Mato Grosso, exemplifica essa reinvenção.

O evento anual promoveu a troca interinstitucional de conhecimentos e experiências através de palestras, mesas-redondas e oficinas. Este enfoque interdisciplinar, abrangendo áreas como literatura, música, e artes visuais, destacou as práticas cotidianas como ricas fontes de conhecimento curricular.

As discussões durante o seminário, reforçaram a importância de abordarmos nas redes educativas que compomos, conversas acerca dos usos das práticas comunicacionais na cibercultura com as Cibergambiarras, como foram chamadas as invenções que emergiram do improviso, facilitando novas maneiras de aprenderensinar que transcendem o convencional e incentivam a formação profissional no contexto contemporâneo.

Especificamente na oficina que promovemos, fizemos circular conversas acerca das invenções que encontramos nas redes sociais criadas por docentes e discentes que pesquisam como a mobilidade, a ubiquidade, a interatividade e a convergência em suas múltiplas linguagens, podem inspirar o surgimento de artes de fazer (Certeau, 2012) com as Cibergambiarras, contribuindo para a formação profissional na atual fase da cibercultura. Além disso, articulamos as conversas com temas de diferentes áreas, como literatura, música, teatro, dança, cinema, artes visuais, filosofia, antropologia, história, entre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto explora a temática da reinvenção em contextos imperfeitos que servem como espaços fecundos de transição. A noção de Cibergambiarras destaca a rejeição a modelos rígidos e padronizados na educação, visando desestabilizar verdades estabelecidas e promover uma abordagem orgânica dos conhecimentos produzidos nos cotidianos.

Apesar da pandemia, enfrentarmos muitas transformações, impulsionando o uso de tecnologias digitais extraordinariamente na educação, economia, dentre outros, e sublinhando a necessidade de políticas públicas que assegurem dignidade e cidadania ativa (Barbosa, 2016).

Nesse contexto, concluímos que a pandemia impulsionou usos desviantes de práticas da cibercultura no campo educacional, projetando no presente a adoção de tecnologias digitais reconfiguradas no ensino, na cultura, na economia, dentre outras. Sobretudo, reconhecemos que seja latente a necessidade de investimentos e criação de políticas públicas que garantam dignidade e a cidadania pensadas como prática, mais do que como concepções e valores abstratos.

Ainda assim, os dados produzidos com nossa pesquisa, realizada no interstício da relação cidade-ciberespaço, permitiu compreender como os praticantes dotados de atos de insurgência, ainda que sujeitados aos designíos de governantes mandatários, são capazes de transformar os cotidianos com artes de fazer (Certeau, 2012).

Logo, nas atividades humanas praticadas nos cotidianos da cibercultura, foi possível repensar os usos de artefatos desviantes para fazerpensar aprendizagensensinos em resposta à pandemia, mas que, notamos, tornaram-se recorrentes na cultura contemporânea.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, N.; CALDAS, A.; ALVES, N. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos - 'após muitas conversas acerca deles'. In: OLIVEIRA, I.; PEIXOTO, L.; SÜSSEKIND, M. L. (Orgs.). Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019.

BARBOSA, I. O fascismo ainda mora cá dentro? O teatro-jornal e o discurso da austeridade. Educação, Sociedade & Culturas, [S. l.], n. 49, p. 31–50, 2016. Disponível em: <https://www.up.pt/revistas/index.php/esc-ciie/article/view/166>. Acesso em: 31 mai. 2024.

CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. 19. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FRANCO, A. F. et al. Ponderações sobre o ensino escolar em tempos de quarentena: carta às professoras e professores brasileiros. 2020. Disponível em: http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4050229.pdf. Acesso em: 21 set. 2020.

GALLO, S.; CARVALHO, A. F. DE. Do currículo como máquina de subjetivação contrarredundante. Imagens da Educação, v. 13, n. 3, p. 111-133, 23 set. 2023.

SANTOS, B. S. A cruel pedagogia do vírus. Coimbra: Almedina, 2020. E-book.